

TEIXEIRA DE PACOAES E O INQUÉRITO LITERÁRIO

Nos finais de 1912 apareceu no Jornal *República*, sob a orientação de Boavida Portugal, uma abordagem da nossa vida literária que chegou a assumir contornos mais ou menos polémicos. Três anos depois saiu um livro onde ficaram recolhidos esses textos, incluindo comentários recolhidos da outra imprensa sobre o assunto.

Boavida Portugal é o autor do primeiro texto que, com pompa e circunstância, se intitula “Sinfonia de abertura”. Logo nas primeiras linhas abandona esta referência musical para falar no “repasto intelectual” que oferecia aos leitores. Posta assim a mesa, considera de imediato algumas questões que podiam ou deviam preocupar os nossos escritores e, mais alargadamente, os nossos intelectuais: “a revolução política entrou já nos livros, revolucionando as ideias?”; os “novos escritores iniciarão (...) a ressurreição de vida nacional?”; “qual é o laço histórico-social que nos liga ao passado?”. Outras questões são postas por Boavida Portugal, mas elas reduzem-se a este denominador comum em que se confronta a revolução - estamos ainda muito perto da revolução republicana de 1910 - com a tradição ou seja, como se diz na última pergunta, o passado. Como se depreende das duas primeiras perguntas que citamos e que dizem respeito à situação portuguesa, Boavida Portugal assumia uma posição marcadamente ideológica que deixa entrever um optimismo que parece fazer jus ao seu nome.

Um dos depoimentos — sob a forma de carta — é de Teixeira de Pascoaes. Aparece encimado por estas linhas: “O snr. dr. Teixeira de Pascoaes diz que a poesia religiosa da Raça é o primeiro sinal do seu renascimento”. A seguir, o poeta é apresentado não só enquanto tal mas também como director da revista *A Águia*, apontada como órgão da “Renascença Portuguesa”. E do Saudosismo, como é óbvio...

Teixeira de Pascoaes tem consciência da influência que a sua poesia podia ter, chegando a dizer “que ele deu ao espírito português alguma coisa que lhe faltava”. Certamente, a consciência sentimental de uma vivência que era a da saudade e iria suscitar um imaginário e uma temática poéticas que estão presentes em poetas citados por Pascoaes, como é o caso de António Correia d’Oliveira, Jaime Cortesão, Afonso Lopes Vieira, Mário Brandão, Augusto Casimiro ou Afonso Duarte. “Eles bebem a sua inspiração — dir-nos-á Pascoaes — no mais íntimo veio religioso da alma lusitana, criadora da Saudade, a *Virgem do Desejo e da Lembrança*, nascida do casamento do Paganismo com o Cristianismo”.

Essa virgem, a Saudade, é definida, como se tal definição viesse na sequência daquela polarização estabelecida por Boavida Portugal entre o futuro e o passado, por dois vectores igualmente opostos que apontam um deles para os tempos passados — a “Lembrança” — e o outro para uma realidade prospectiva — o “Desejo” — que se há-de tornar numa espécie de desejável provir. Mas tudo isto decorre num espaço poético que algo tem a ver com um pretensio imaginário do povo português que, segundo Teixeira Pascoaes, se “dispersa pela natureza”. Se a saudade corresponde ao decantado “religioso sentimento lusitano”, importa estar atento a uma passagem desta resposta dada por Pascoaes no *Inquérito*: “o português vive pouco dentro da alma humana (...), a sua dor é mais feita das lágrimas das coisas, recebe-a mais do exterior que dos íntimos sobressaltos do espírito”.

Ora estas palavras apontam para uma concepção de poesia que irá apostar numa abordagem alegorizante da natureza: as referidas “lágrimas das coisas” são já, emblematicamente, algo que corresponde a esse duplo plano de correspondências que se estabelece entre o homem e a natureza e tão bem se deixa caracterizar, neste caso, através de uma figuração facilmente deciprável. Tais correspondências pouco têm a ver com aquela tão celebrada *floresta* de analogias a que se referia Baudelaire e que permitiria a concentração do imaginário numa intensa e complexa unidade simbólica. Teixeira de Pascoaes sempre se mostrou avesso a tudo aquilo que correspondia à estética simbolista. Num artigo publicado em *A Águia* (2ª série, nº 16, 1913), refere-se à filiação francesa do Simbolismo, utilizando precisamente a palavra francesa *nuance* para melhor exprimir o que há de impreciso, misterioso, diluído, esfumado numa “alma afogada em ritmos musicais” como a dos simbolistas. À *nuance*, o Saudosismo responderia com o

“mistério” pelo qual “a sombra das Coisas e a luz do nosso espírito estão em perpétua luta criadora”, encaminhando-se, assim, a poesia para um animismo que propiciava uma leitura que, não raro, caía num beco sem saída alegorizante. Por isso, num dos passos da sua resposta, faz esta afirmação: “Outras tendências há na actual poesia portuguesa; mas eu não posso concordar com elas porque são estrangeiras para a nossa alma”. É óbvia a referência ao Simbolismo e Decadentismo franceses ...

A intervenção de outros escritores ou intelectuais volta-se nas páginas do *Inquérito Literário* para o movimento da “Renascença Portuguesa” ou para o Saudosismo. Assim, Boavida Portugal dirige-se a Júlio de Matos: “V. Ex.^a decerto conhece aquela revista do Porto, *A Aguia*, que se diz órgão de uma renascença portuguesa...”

Júlio de Matos passa ao lado: “São rapazes, não é verdade?” Mas, um pouco mais adiante, opina que “uma literatura, como a deles, que se faz panteísta, que prega naturalmente o regresso à vida simples, à vida patriarcal, ao campo, que nos aconselha a voltar para traz (...) , essa literatura é uma excrescência do passado”.

Adolfo Coelho, recorrendo a uma imagem canora, fala mesmo em “pios” que os saudosistas soltavam, referindo-se, depois, a alguns versos de Pascoaes que foram comentados por um “crítico do grupo” que seria, como facilmente se adivinha, Fernando Pessoa que publicara na revista, em 1912, uma série de artigos intitulada “A nova poesia portuguesa”: “A folha que tombava/ Era alma que subia”. Segundo o comentário de Adolfo Coelho, “há paralelos disto do século XVII” (e, se há alguns indícios da modernidade aqui, ela algo tem a ver, desde que a consideremos em termos gerais, com uma concepção figural da poesia que é própria daquela que tinha surgido entre os seiscentistas. Quanto a isto o velho professor não se enganava...)

As intervenções de outros, como Gomes Leal, Júlio Brandão que é extremamente ácida ao desferir um ataque pessoal a Pascoaes, ou António Sardinha que aparece sob o pseudónimo de António de Monforte, são francamente negativas relativamente às movimentações saudosistas. Mas há também apreciações mais elogiosas como as que nos deixaram Augusto Casimiro, João Ameal, Jaime Cortesão, Visconde de Vila-Moura ou Aarão de Lacerda. Este irá dar especial relevo ao “cunho filosófico” da poesia de Pascoaes, paralela ao “esboço de (...) sistema” que Leonardo Coimbra desenvolveu em *O Criacionismo*, obra que se abre, na sua primeira parte, para uma abordagem de um conjunto de poetas, com destaque para os que estavam ligados ao Saudosismo.

Por sua vez, Raul Proença, que se apresenta como “dissidente da Renascença”, critica as palavras de Júlio de Matos sobre a dita “Renascença Portuguesa” e, reportando-se ao manifesto que escreveu sobre o movimento, chama a atenção para o facto da sua intervenção ter uma feição racionalista e intervencionista, referindo que em *A Aguia*, onde pontificava Teixeira Pascoaes, tinham prevalecido os poetas, “criaturas da emoção”. Separam-se aqui as águas entre os ideais da “Renascença Portuguesa”, tal como os entendia Proença, e a componente saudosista.

Passando por alto outras intervenções, detenhamo-nos numa das réplicas dirigidas a Adolfo Coelho, a qual vem assinada por Fernando Pessoa. Tal artigo insere-se naturalmente na sequência daqueles que saíram em *A Aguia* no ano de 1912; o tom deste artigo e o desenvolvimento teórico que nele se deixa entrever contrastam, pela positiva, com a maioria das outras intervenções. Pessoa reporta-se ao passo do artigo de Adolfo Coelho em que se fala dos dois versos que atrás foram citados. Mais uma vez se refere à “nova poesia portuguesa” pela qual se tinha batido. Mas se a identifica com aquela que gira em torno de *A Aguia*, não podemos esquecer que se tem precisamente chamado a atenção para o facto de Pessoa estar a falar também nesta réplica e, mais genericamente, nos artigos publicados em *A Aguia* de uma poética nova que aponta para certos valores expressivos que são já os da modernidade.

Por último, falemos na intervenção de Hernâni Cidade que revela também a sua lucidez, inclusive no modo como soube valorizar o ponto de vista de Pessoa. Uma das noções que retoma é a de “realidade-alma”, focada por Pessoa, e que, agora, Hernâni Cidade aproxima do “naturalismo transcendental de Schelling”, acrescentando: “há uma verdadeira *identidade substancial*, uma verdadeira *Realidade-alma*, manifestando-se através da universal existência numa crescente iluminação da consciência”. E abre-se caminho para a possibilidade de se ultrapassar uma leitura pautada pela analogia e pela alegoria, como ocorre no Saudosismo, para o que já seria ou representava uma “realidade ontológica” da poesia capaz de se fundamentar numa expressão simbólica. Assim, “não há a *imaginação da analogia* entre fenómenos do espírito e da natureza, há a *compreensão*, o *sentimento de identidade substancial* em que eles eternamente se abraçam e fundem”.

Teixeira de Pascoaes, em réplica, não deixa de responder a alguns dos intervenientes deste *Inquérito*, nomeadamente Júlio de Matos,

Raul Proença e Adolfo Coelho. As palavras dirigidas ao primeiro e ao último ganham um tom francamente polémico. Quanto a Raul Proença, a réplica é mais serena, considerando, no entanto, que a *Ranascença Portuguesa* não faltou à sua missão “seguinto o critério do norte e desde os primeiros dias da sua existência”, numa referência ao núcleo de escritores e intelectuais que se encontravam no Porto ou na região nortenha, considerados justamente como aqueles que constituíram o núcleo forte do movimento. Pascoaes, ao defender a “Renascença Portuguesa” e o Saudosismo retoma os argumentos habituais. Para ele, o Saudosismo, “sendo uma nova religião, é nova Arte, nova Filosofia, isto é, uma nova força moral e progressiva”.

Note-se, porém, que em algumas linhas da réplica dirigida a Adolfo Coelho, mais dirigidas à própria expressão poética, torna-se possível entrever algumas passagens que espalhariam alguma (mas pouca) luz sobre o papel que o ritmo segundo Pascoaes desempenharia, aliás na sequência de um artigo não muito mais esclarecedor publicado antes em *A Águia* (2ª série, nº 30, 1914). Eis algumas das afirmações feitas: “a forma poética animada, representando a própria emoção a condensar-se”, “a forma e a ideia brotando de um só jacto”, “a forma flexível”. E tudo isto representaria uma reacção contra os “velhos ritmos inertes” e as “velhas regras empedernidas, que são fossilizados sentimentos inadaptaíveis ao sentir moderno”.

Como se disse, Boavida Portugal coligiu todos estes textos num livro que sai precisamente em 1915, o ano em que aparece também a revista *Orpheu*.

Fernando Guimarães

